





Ruminar o Museu

André Alves
Filipa Araújo
Max Fernandes

Centro Internacional de Artes José de Guimarães
Dia Internacional dos Museus
18 de Maio de 2022



Ruminar o Museu é uma performance-discursiva desenvolvida por André Alves, Filipa Araújo e Max Fernandes a convite do CIAJG—Centro Internacional de Arte José de Guimarães.

Ruminar o Museu convida à reflexão e a várias experiências de degustação em torno da construção da história, como a digerimos, como ela nos engole.

Ruminar o Museu encontrou inspiração na obra de José Guimarães, em particular, as séries *Negreiros* e o manifesto *Arte Perturbadora! Manifesto aos Pintores Inconformistas*, a que faz alusão nesta performance-discursiva.

Esta publicação serve de guião à apresentação pública de *Ruminar o Museu* no CIAJG, no dia 18 de Maio de 2022—Dia Internacional dos Museus.



Ruminar

ruminar | v. tr. | v. intr.

1. Tornar a mastigar, remoer (os alimentos que voltam do estômago à boca).
2. [Informal, Figurado] Meditar, planejar, cogitar.
3. Remascar os alimentos.

RUMINAR A HISTÓRIA

Reflexão

“Ruminar” descreve um voltar a moer, um voltar a contemplar. Ruminar é a capacidade específica de um grupo de mamíferos herbívoros de serem capazes de voltar a trazer à boca o que foi ingerido, mas não digerido. Ruminar serve uma melhor absorção, a integração.

Ruminar também descreve um tipo de pensar inquieto, que volta a si mesmo, para voltar a pensar. Mas, ao contrário do remoer digestivo que facilita a ingestão, o pensamento ruminante fica preso ao remoer das diferentes possibilidades. Trata-se de um tipo de reflexão que não parece chegar a uma imagem ou sentido claro, e, por isso, um pensar que fustiga. Ruminação pode ser entendida como uma dificuldade de escapar de um pensamento que se come a si mesmo, um pensamento-espelho, narcísico.

A história é a narração, estória, de sequências de fatos ou ocorrências passadas. Essa ordenação naturaliza determinadas escolhas, relações, valor e hierarquias, visibilidades e omissões. A história é parcial. Não é neutra. Porque a história é uma ingestão escolhida—e tantas vezes indigestão—há que perguntar: a história rumina ou reflete? Isto é, pensa sobre si mesma, não como um espelho autocomplacente, absorto na sua ruminação e confirmação, mas como um espelhar cuja distância se abre à possibilidade de discrepâncias e do omitido se fazer notar. A história repete ou repensa?

O
U

Autoabsorção?

Ruminário

História

A origem e evolução de uma ciência, de uma arte

conjunto de
conhecimento
relativos ao passado

segundo o lugar, a época, o ponto de vista escolhido.

Logomaquia

Discussão

gerada

por

diferentes

interpretações

do

sentido

de

uma

palavra.



Iniciação à ruminação.

Este empreendimento, que é o *Ruminar o Museu*, padece de alguns limites ou confinamentos. Tomemos como ponto de partida favorável o espaço agora desaparecido—o mercado—para compreender a relação comer/ruminar, mercado/museu. O mercado transformou-se em plataforma, as vendedeiras de flores, frutas e verduras são, agora, ondas de memória do passado. Entramos no museu e somos transportadas para o duplo, para o desdobramento, porque aqui, tal como no antigo mercado, são vendidos símbolos, metáforas e analogias. Só que agora, alimentam-se da história e da arte. A semelhança estranha-se, mas logo se entranha.

A ideia de que o objeto da história e, em particular, os objetos da história da arte preenchem uma expectativa de redenção, é uma catástrofe que não podemos evitar: a passagem da vida a meras cinzas. O momento presente nunca foi vivido. Como diz W. Benjamin em relação à história:

“nada disto jamais viveu: tão certo como um esqueleto ter vivido, foi sempre um homem que viveu.”

O novo sempre vem.

Ruminar o Museu não é uma ovação das cinzas, do defunto. Queremos um organismo vivo, uma metamorfose tal como as que as plantas descritas por Goethe, vivem:

“quer as plantas produzam rebentos, quer floresçam, quer produzam frutos, são, no entanto, sempre os mesmos órgãos que em múltiplas funções (...) se contraem e se expandem.”

Pensamos este espaço como uma espécie de organismo vivo, quer tenha produzido comércio, arte ou história. Este espaço contrai-se e expande-se, sem anular a memória, sem rasurar, quiçá com algum arrependimento, mas sobretudo como um novo que chega pela mão do velho.

COMER



Mercado

Praça

Lugar de Comércio

Mercado Livre

Mercado Negro

Mercado-Museu

Ruminar a História

Comer

a



RUMINAR

Museu

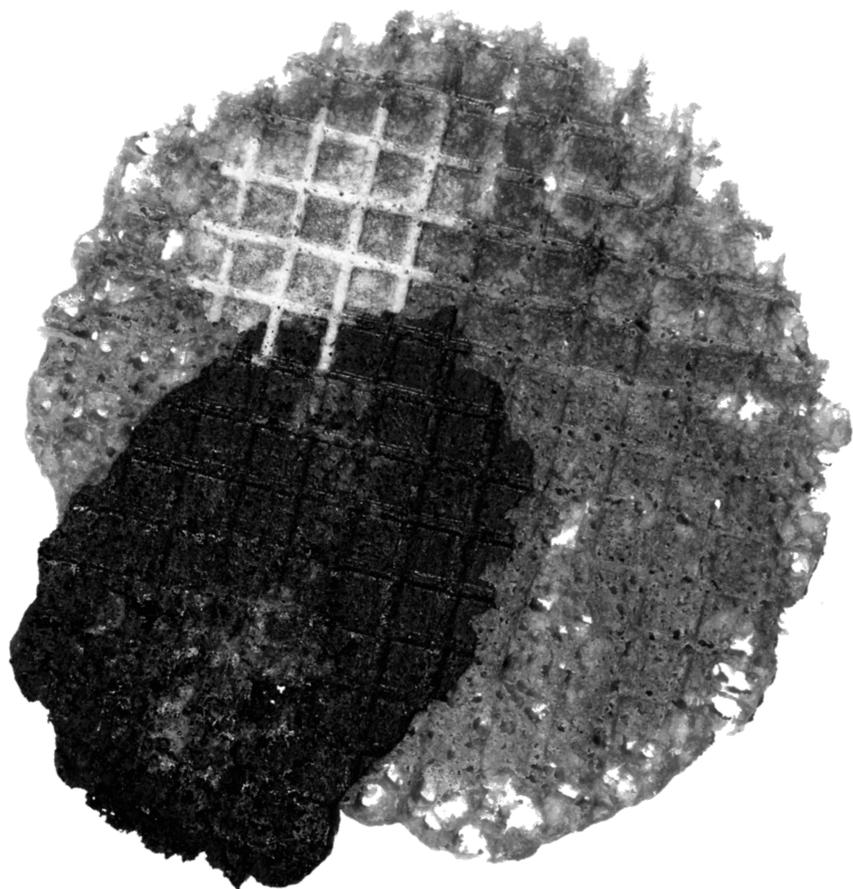
Lugar Consagrado às Musas

Lugar de Estudo

Museu-Mercado

História

Ser Comido Pela História



Falar sem papas na língua.

O Museu como casa do Saber-Sabor.

As palavras sabem coisas. As palavras sabem a coisas.
As palavras sabem...

A palavra latina *sapere*, raiz da palavra “saber”, é também a raiz da palavra “sabor.” O escultor e teórico Juan Luis Moraza convida-nos a olhar para a riqueza semântica da palavra *sapere*, descrevendo quer a compreensão inteligível, quer a experiência sensorial, e de como essa interligação é inerente e evidente na arte. Em vez de insistir numa polaridade entre perceber e sentir, a arte é um “conhecimento” que “sabe.” A arte não aparta o conhecimento do sentir, o saber do saborear, mas articula “saboer”.

Enquanto saboer, a arte não conhece, nem se faz entender, por um tipo de clareza de contornos rígidos, por parcelas de informação isoladas, estanques, pela excisão dos objetos dos seus contextos, mas por avaliações hesitantes, que lembram a experiência de atenção e estética sensorial da degustação.

A arte é conhecimento que saboreia. Mas quem tem tempo para esse saborear, que parece andar em contramão com a velocidade e atenção dos nossos tempos? O museu de arte como convida e possibilita esse saber-sabor?

Tu és o que comes.

Mercadejar

Negociar, comerciar, traficar
Fazer transações comerciais
Auferir rendimento ou benefícios
De forma ilegal

Mercado

Mercar
Mercatus
Tráfico
Comércio
Negócio

Mercado

Comum
Financeiro
Capitais
Trabalho
Paralelo
Livre
Arte
Negro

Museu

Museum

Mousion

Musas

Cidade

Museu

Casa

Museu

Mercado

Museu

Mercado

História

Comer é uma arte efémera.

Quem gosta de história?

E de arte?

E de comer?

E de ser comido?

Quem se esquece da história?

Da arte?

E de comer?

E de quando é comido?

Não existimos sem comida.

A par da necessidade biológica, a nossa relação com a comida é de natureza emocional e é memória. A boca é um portal. De repente, somos levados por uma onda, mergulhamos nas profundezas abissais da memória ou no logro que é a memória.

Comer
é um ato
de resgate
da memória.



FORMAR A
HISTORIA

Quem quer não-ruminar?

Arte Não-Ruminadora!

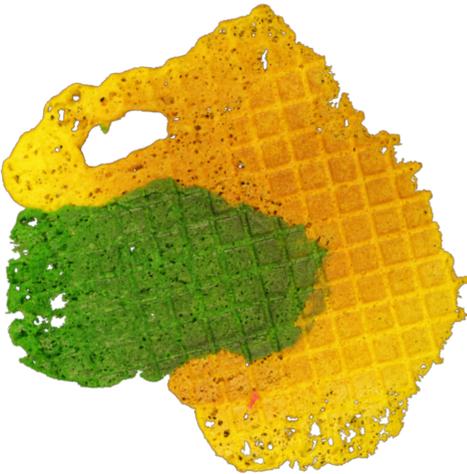
Manifesto aos artistas não-ruminantes.

- Abandonem os hábitos e o familiar e utilizem curiosidade com que se molda a reflexão e desperta a imaginação.
- Ouçam a vida e sintam as matérias do vosso e do tempo que virá.
- Dai beleza ao ocultado, ao desvalorizado, ao contágio, à urgência.
- Arte Mecânica ≠ Arte Não-Ruminadora!
- A Arte é reflexão, irreverência e inconformismo.
- A arte é a vida que nos tira para fora de nós. E a vida é a luta com o tempo.
- A arte é reinvenção que destabiliza o presente.
- A arte é apreciação cuidadosa, desocultação, é recriação e recreação.
- A arte não sentencia os significados: saboreia-os.
- A arte ecoa o pressentido e o ocultado.
- A arte reflete sem remoer.
- Todo o familiar moe.
- Exaltai a imagem dum espelho côncavo ou convexo.
- Exaltai o indigesto, nunca conformando.
- A arte existe na imaginação, nunca na ruminação quotidiana.
- A arte é a imagem da reflexão, bem mais que a reflexão da imagem.
- A arte é expressão da reflexão.
- Ó artistas deste tempo: deixai que a história glorifique o esforço da reflexão e caminhai triunfantes com a arte não-ruminadora dos espíritos desacomodados da pequenez da autoabsorção.
- Que sublime é a arte não-ruminadora!

Guimarães, 2022

Artistas Ruminantes





Quem quer ruminar?

Arte Ruminadora!

Manifesto aos artistas ruminantes.

- Abandonai os dentes. Utilizai as gengivas e a língua.
- Aproximai-vos com a boca e usai as matérias do vosso corpo.
- Dai beleza ao ácido clorídrico e à enzima pepsina.
- Rúmen Mecânico = Arte Ruminadora!
- A arte é regurgitação, remastigação e ruminação.
- A arte é a vida dentro de nós, e a vida é a luta com o alimento.
- A arte é a ruminação do presente.
- A arte é degustação do presente.
- A arte não sentencia os significados: rumina-os.
- A arte não sabe materiais: saboreia-os.
- A arte regurgita o pressentido e o ocultado.
- A arte remoe sem refletir.
- Todo o objeto quotidiano é remastigável.
- Exaltai a imagem do vômito.
- Exaltai o orgânico, nunca o sintético.
- A arte existe na ruminação intensa e não na degustação leve.
- A arte é não ter papas na língua, jamais língua em papas.
- A arte é a fantasia digestiva.
- Ó artistas deste tempo: deixai que a história glorifique quem se vomita.
- Que sublime é a arte ruminadora!

Guimarães, 2022

Artistas Ruminantes

Ruminar o Museu enceta uma reflexão sobre a percepção da história, a sua construção, como ‘comemos ou somos comidos’ perante a relatividade histórica. Na breve conversa que se segue, os artistas André Alves, Filipa Araújo e Max Fernandes expandem a sua digestão sobre quem absorve quem, quem absorve o quê.

Sentaram-se

à mesa

É bom lembrar que plantar implica um desplantar. Não só arrancar raízes, mas também desplantar no sentido de desplante, de descaramento, o descaramento de alterar os ciclos naturais e relações entre plantas, pessoas e espaço. Quanta percepção há da história e da nossa relação e ação sobre esses ciclos naturais quando comemos?

Durante dois milhões e meio de anos, os seres humanos alimentaram-se colhendo plantas e caçando animais que viviam e se reproduziam sem a sua intervenção.

Eram nómadas.

Há 10.000 anos, tornamo-nos agricultores e passamos a dedicar grande parte do nosso tempo e esforço a domesticar animais e plantas.

A história dá-lhe o nome da I Grande Revolução—A Revolução Agrícola. Os académicos proclamam que a Revolução Agrícola foi um grande salto em frente para a Humanidade. Contam uma história de progresso alimentar, alimentado pelo poder do cérebro humano. A

a conversar.

uma história de progresso alimentar, alimentado pelo poder do cérebro humano. A evolução tinha produzido, de forma gradual, pessoas cada vez mais inteligentes. Tornaram-se tão espertas que foram capazes de decifrar os segredos da natureza, o que lhes permitiu domar uma miríade de plantas e animais.

Um desplante antropocêntrico, a submissão do mundo natural ao humano. Sobre a nossa dominação natural importa também pensá-la como co-dependência.

Tomemos o trigo, esse cereal dourado, que, em estado selvagem, vivia confinado num recanto do planeta. Reparem como se tornou omnipresente de alguma forma, como nos domesticou o gosto.

Os portugueses foram descritos por Fidelino Figueiredo como “revolucionários da estética do paladar, porque universalizaram gostos novos e confundiram a geografia botânica pelas suas transplantações ousadas”.

Fidelino Figueiredo (1927) Notas Para Um Ideário Português.

A toalha da história não é tão limpa quanto Figueiredo a faz soar. A história da circulação de bens a nível global e as novas culturas de gosto são também a história do trabalho forçado da plantação que submete o escravizado ao tender da plantação da história da terra confiscada e das culturas espezinhada

parte de uma atitude que exotifica e quer possuir o invulgar; a criação de uma hierarquia de valores projetada sobre o mundo natural.

Para um exercício da história, enquanto processo de degustação crítico e ético, é preciso avaliar os pontos cegos com que lemos os atos e pensamentos passados; é preciso questionar a neutralidade e venturosa empreitada, tão facilmente proclamada por aqueles que a contam.

Quem é que come o quê?

É a história que nos come ou somos comidos por ela? Aqui, dentro deste museu, casa de estórias, mesa para dispôr—e talvez, despir—a história, nós comemos a papa sem ler os ingredientes e benefícios? O ditado diz para não morder a mão que alimenta, mas o museu, que papa nos dá?

A cultura é uma relação de implicação, de colaboração, seja a cultura enquanto cultural, seja a cultura enquanto cultivo.

O museu vai-te comer ou és tu que vais ruminar o que o museu te dá à boca?



Colonização pela boca.

Comer é um hábito.

Nem sempre nos pensamos como comedores. Tantas vezes somo-lo sem consciência.

Comer é um ato de escolha, um enaltecimento do que se come. A predileção daquilo que se come faz um padrão social.

Quem escolhe o que come?

Forragear alimentos.

Alimentos silvestres.

Alimentos espontâneos.

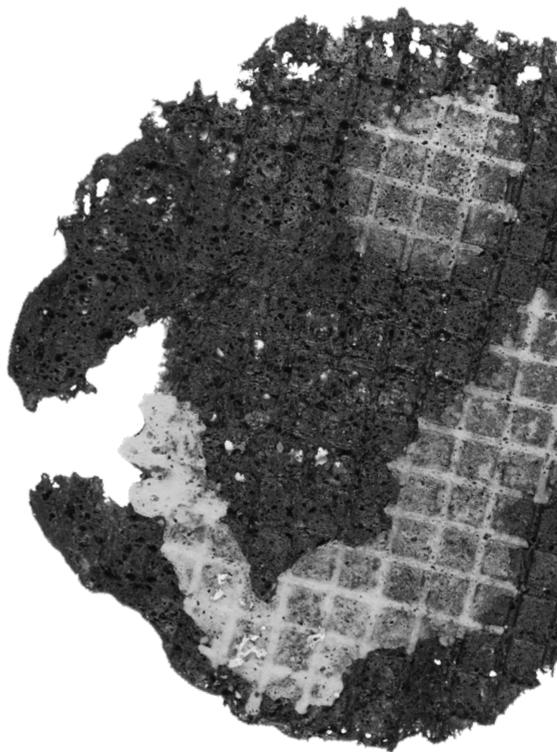
Alimentos daninhos.

Alimentos feios.

Escassez sem glamour.

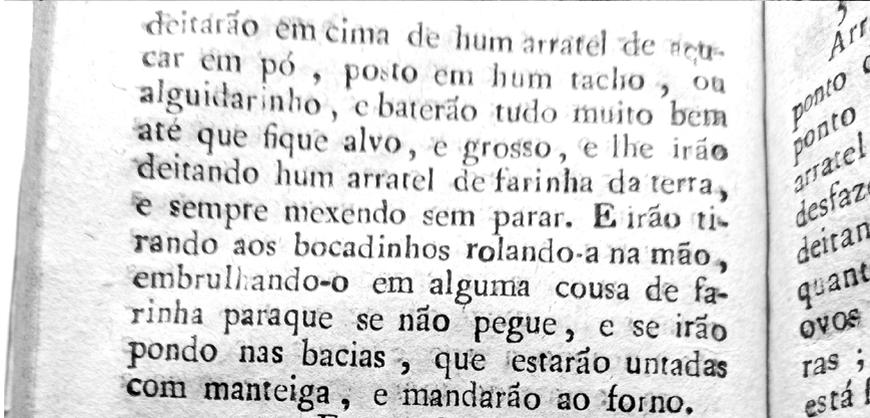
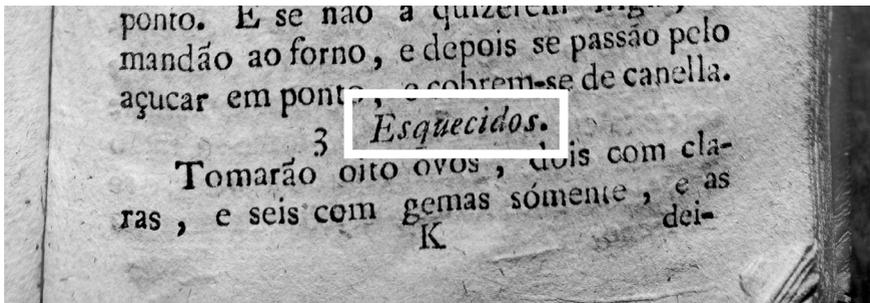
Pobreza.

Comer é um ritual político.



**O QUE O
ESQUECIMENTO
COME?**

**QUEM ESQUECE O
ESQUECIMENTO?**



Esquecidos

8 ovos
 2 com claras
 6 gemas
 1 arrátel (459 gr.) de açúcar
 em pó
 1 arrátel de farinha da terra
 manteiga q.b.

Tomarão oito ovos, dois com claras e seis com gemas somente e as deitarão em cima de um arrátel de açúcar em pó, posto num tacho, ou alguidarinho, e baterão tudo muito bem até que fique alvo e grosso e lhe irão deitando um arrátel de farinha da terra e sempre mexendo sem parar. E irão tirando aos bocadinhos rolando-a na mão, embrulhando-o em alguma cousa de farinha para que não pegue, e se irão pondo nas bacias, que estarão untadas com manteiga, e mandarão ao forno.

Fim ao esquecimento!

O problema da rolha.

Uma boca selada, não fala. Mas revela um impedimento. Um ditado popular manda “meter a rolha na boca.” Um outro diz que “há pessoas que são como o vinho: ficam melhores com uma rolha na boca.” Quem manda calar? Quem pode falar? Ambos os ditos expõem jogos de poder e apreciações morais. Alguém parece ter mais e melhor a dizer. E, de tanto falar, também os nossos ouvidos e compreensão parecem só conseguir escutar e entender as coisas de determinada maneira.

A nossa interação com o mundo, como o reconhecemos e conhecemos, não é neutra. São processos que foram progressivamente codificados pelos diferentes sistemas de poder em que existimos. Que modos de ver e reconhecer e ouvir repercutem ainda hoje as estruturas silenciadoras do fascismo, o seu recurso à paranóia, à privação da expressão, o medo da inscrição de significado—como diria José Gil, o caracterológico medo português em existir—ou a mentalidade desumanizadora e canibal da empreitada colonial-racista portuguesa?

Olhar, escutar e falar não são operações passivas. São processos refinados e regidos por certas normas de reconhecimento, de inteligibilidade que se partilham, e assim, se tornam normativas. De tanto se repetirem, tornam-se banais, e por isso, invisíveis e não questionadas. Vemos, articulamo-nos e escutamos através dos filtros dessa inteligibilidade.

Não temos apenas que lidar com ‘quem pode falar’, mas como conseguir ver, ouvir e perceber, aqueles que se expressam por códigos fora da norma, tornados ilegíveis.

Como escutar as falas arrolhadas na sombra da inteligibilidade? Como pode o silenciado fazer-se entender?



São silhuetas pretas que vemos nas séries “Negreiros” de José de Guimarães. Na sua maioria, são representações de bustos despídos, com boca aberta, com lábios apertados—quicá lançando beijos—que, por vezes, seguram um objeto, talvez um charuto, talvez uma rolha. Vamos pensar que se tratam de rolhas.

A rolha traduz visualmente o impedimento da fala. O que fica por dizer?

Dentro das silhuetas há círculos e números (o ‘3’, que o artista utiliza como número mágico) como se fossem sinais de uma interioridade viva, incapturável. São silhuetas que parecem falar da não-fala. Aqui, é a singularidade da não-branquitude que permanece arrolhada, desde a empreitada colonial-racista portuguesa, dos seus barcos negreiros, do rentável tráfico de vida e dignidade humana.

José de Guimarães, José Bastos, Nuno Faria (2014) *Provas de Contacto : do Stencil ao Digital: Processos de Transferência da Imagem.*



“Trabalho
aplicadamente
em estética, moral e física,
e faria também alguma coisa em
história,
se esta
não fosse
a disciplina
mais ingrata e
mais perigosa.”

RUMINAR O MUSEU

André Alves
Filipa Araújo
Max Fernandes

2022

ISBN: 978-989-33-3323-5



